



## ORIENTE MÉDIO

# Israel faz ofensiva silenciosa



Moradores da via de Till, próxima a Nablus, carregam o corpo de adolescente: tropas israelenses dão cobertura à violência de colonos

Com o mundo atento para a guerra no Irã e no Líbano, colonos judeus promovem incursões armadas e expulsam palestinos de povoados da Cisjordânia, com retaguarda do premiê Benjamin Netanyahu, que acelera a legalização de novos assentamentos

» SILVIO QUEIROZ

Enquanto as atenções da mídia e da opinião pública internacional se concentram sobre a guerra no Irã e a ofensiva de Israel contra o movimento xiita libanês Hezbollah, uma frente de conflito se desenrola silenciosamente no território palestino da Cisjordânia, desde 1967 sob ocupação do Estado sionista. Colonos judeus, frequentemente com cobertura ou mesmo apoio direto de forças israelenses, promovem incursões armadas contra aldeias árabes, em ritmo praticamente diário. Desde outubro de 2023, quando ataques do movimento islâmico Hamas desencadearam dois anos de ofensiva de Israel contra a Faixa de Gaza, com saldo acumulado de 72 mil vítimas, mais de 1.200 palestinos foram mortos na outra porção de terra designada pela ONU a um Estado soberano destinado a conviver lado a lado com o Estado judeu.

Em meio à disparada da violência, ofuscada pelo conflito aberto que se alastra desde março pelo Oriente Médio, o gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu aprovou quase secretamente a legalização de mais 34 colônias, incluindo assentamentos estabelecidos anteriormente, mas ainda não oficializados. A decisão foi tornada pública mais de uma semana depois, sob protestos da Organização da Cooperação Islâmica (OCI) e denúncias do grupo israelense pró-direitos humanos Paz Agora. Os novos 34 se somam a 68

### Para saber mais

## Oito décadas de disputas

A Cisjordânia, assim como a Faixa de Gaza, compunha com as atuais Jordânia e Israel o mandato britânico da Palestina, instituído pela Liga das Nações no marco do desmembramento do Império Otomano (turco), ao fim da 1ª Guerra Mundial (1914-1918). Incapaz de concluir a reorganização dos territórios, e acossado por rebeliões dos árabes palestinos e dos imigrantes judeus, mobilizados pelo movimento sionista, o Reino Unido retirou-se da região ao fim da 2ª Guerra e deixou a solução do impasse

para a recém-fundada Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 1947, já com a Jordânia estabelecida, a Assembleia-Geral da ONU aprovou um plano de partilha que estabelecia um Estado judeico nos limites reconhecidos do atual Israel e uma Palestina compreendendo, aproximadamente, as atuais Gaza e Cisjordânia. O Estado de Israel foi proclamado em 1948, enquanto os territórios palestinos ficaram sob custódia de Egito e Jordânia, respectivamente. Na Guerra dos Seis Dias, em 1967, Israel ocupou ambos, incluindo o setor oriental (árabe) de Jerusalém.

Desde então, sucederam-se guerras e conflitos pontuais que não resultaram

em alterações até os Acordos de Oslo, firmados em 1993 entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Eles estabeleceram um regime de governo autônomo na Cisjordânia e em Gaza, mas não evoluíram para uma solução definitiva — seja para o status definitivo dos territórios, com soberania estatal plena, seja para Jerusalém, anexada por Israel, sem reconhecimento internacional.

Nos quase 80 anos decorridos, a colonização israelense se expandiu paulatinamente, em especial na Cisjordânia, mais intensamente com Benjamin Netanyahu à frente do governo. Ele assumiu o cargo pela primeira vez em 1996 e cumpre atualmente o terceiro período. (SQ)

aprovados na atual gestão de Netanyahu, iniciada em 2022. “Até o estabelecimento deste governo, havia 127 colônias legalizadas na Cisjordânia”, aponta um relatório do movimento. “Acréscimo de 102 assentamentos representa um aumento de 80%.”

“A violência na Cisjordânia ocupada tem aumentado acentuadamente, com ataques diários de colonos israelenses aos palestinos, frequentemente com proteção do Exército e da polícia de Israel, e impunidade quase total”, resume, em entrevista ao **Correio**, o professor de relações

internacionais Alon Ben-Meir, da Universidade de Nova York. “Ao mesmo tempo, Israel está acelerando a expansão das colônias e ‘legalizando’ retroativamente assentamentos, em desafio ao direito internacional e a repetidos pareceres da Corte Internacional de Justiça que definem a colonização como ilegal.”

### “Terrorismo”

Em uma carta-aberta publicada recentemente na mídia israelense, ex-chefes dos

serviços de inteligência e segurança doméstico (Shin Bet) e externo (Mossad) dirigiram-se ao primeiro-ministro para denunciar o alastramento desenfreado do que classificaram como “terrorismo judaico promovido pelo governo” na Cisjordânia. “Mais do que uma vergonha moral, isso representa um golpe estratégico fatal para a segurança nacional de Israel, em tempo de guerra.”

A mensagem se refere, veladamente aos titulares da Segurança, Itamar Ben-Gvir, e das Finanças, Bezalel Smotrich.

Ambos ligados aos colonos da Cisjordânia, eles são expoentes da ala mais à direita do governo de Netanyahu e se alinham ao nacionalismo ultrarreligioso que defende a anexação da Cisjordânia, de Gaza e de territórios na Síria e Líbano que constituiriam o chamado “Israel bíblico” — ‘Eretz Israel’, em hebraico. “Nos últimos três anos, os colonos primeiro expulsaram a população beduína original. Depois, se instalaram na terra com suas caravanas e rebanhos”, protesta o padre Bashar Fawadleh, da paróquia do Cristo Redentor, no povoado de Taybeh, a 30km de Jerusalém.

Falando na inauguração de um novo assentamento — ainda não legalizado, àquela altura —, Smotrich parabenizou os colonos por ajudarem a “destruir completamente a ideia de um Estado palestino no coração da nossa pátria”. O professor Ben-Meir, americano nascido no Iraque, de família judaica, lamenta que a sociedade israelense pareça anestesiada. “É trágico que a violência contra os palestinos na Cisjordânia e em Gaza não provoque mais incômodo na população”, afirma. “Depois de 58 anos de ocupação (dos territórios palestinos), os israelenses se acostumaram à violência incessante como se fosse natural.”

O estudioso censura também as forças de oposição, que “nada fizeram para breca a matança sistemática e a destruição de propriedades dos palestinos”. E conclui, resignado: “Infelizmente, isso continuará fora do debate enquanto Benjamin Netanyahu seguir no poder.”

# Trump tem desaprovação recorde

Em meio a uma guerra impopular no Irã, que elevou os preços de energia e alimentos nos Estados Unidos, a desaprovação do presidente Donald Trump chegou ao nível mais alto de seus dois mandatos, superando a baixa popularidade de janeiro de 2021, após a invasão do Capitólio. Divulgada a seis meses das eleições legislativas, a pesquisa conduzida por ABC News, *The Washington Post* e Ipsos mostra que o magnata republicano é reprovado por 62% dos norte-americanos.

Ao mesmo tempo, o Partido Democrata, opositor ao governo, está cinco pontos à frente na intenção de votos para a Câmara dos Representantes. Historicamente, a combinação de queda de popularidade e fortalecimento da oposição resulta na perda da legenda do presidente em eleições de meio de mandato.

A condução da política externa, especialmente diante da escalada de tensões com o Irã, contribuiu para a impopularidade. Apenas cerca de 32% aprovam a atuação do presidente nesse campo. Ontem, Trump publicou na plataforma Truth Social que conduzirá embarcações pelo Estreito de Ormuz, fechado pelo governo iraniano, a partir de hoje. Sem detalhar, o presidente afirmou que a escolta de navios no canal marítimo, por onde passa de 20% a 30% do petróleo mundial, foi um pedido de “vários países”.

“Para o bem do Irã, do Oriente Médio e dos Estados Unidos, informamos a esses países que conduziremos seus navios de maneira segura para fora dessas vias navegáveis restritas para que possam continuar com seus negócios de forma livre e eficaz”, escreveu Trump, em sua conta na plataforma. “Esse processo, Projeto Liberdade, começará na manhã de segunda-feira, no horário do Oriente Médio.” Ebrahim

AFP



Outdoor em Teerã satiriza o líder norte-americano: conflito mina popularidade

Azizi, presidente da Comissão de Segurança Nacional do Parlamento iraniano, reagiu com uma publicação na rede X: “Qualquer interferência americana no novo regime marítimo do Estreito de Ormuz será considerada uma violação do cessar-fogo”.

### Negociações

Também ontem, Trump disse que diplomatas norte-americanos avançam na negociação do fim do conflito. “Estou plenamente ciente de que meus representantes estão tendo conversas muito positivas com o país do Irã, e de que essas conversas poderiam levar a algo muito positivo para todos”, publicou, também no Truth Social.

Anteriormente, o ministério iraniano das Relações Exteriores declarou que Teerã havia apresentado a Washington, por intermédio do Paquistão, um plano com 14 pontos para pôr fim ao conflito bélico em 30 dias. Segundo a agência Tasnim, a República Islâmica exige a retirada das forças norte-americanas de áreas próximas ao território iraniano, a suspensão do bloqueio de portos e de sanções econômicas, entre outros.

Mais do que o discurso político, o impacto indireto do conflito na economia pesa na avaliação negativa do governo. Segundo a pesquisa, 23% dos entrevistados aprovam o desempenho do governo Trump na área financeira, especialmente em temas como inflação e custo de vida.

### Confiança

Outro destaque da sondagem é a mudança no eixo de confiança econômica. Tradicionalmente favorecidos nesse quesito, os republicanos, agora, aparecem praticamente empatados com os democratas, que, inclusive, apresentam leve vantagem em temas ligados ao custo de vida.

Apesar da desaprovação majoritária, Trump mantém apoio sólido entre eleitores republicanos, com índices acima de 80%. Entre democratas, a rejeição é quase total, enquanto entre independentes a aprovação gira em torno de 25%. O padrão reforça a polarização extrema que marca a política norte-americana. O presidente encontra dificuldade para ampliar o apoio fora de sua base, mas preserva seus eleitores.

A média das pesquisas recentes situa a aprovação de Trump entre 34% e 40%, indicando estabilidade em patamar baixo. Para reverter o cenário, analistas têm apontado a necessidade de resultados concretos na economia e de redução de tensões internacionais.

Na semana passada, o chefe da Casa Branca envolveu-se em mais um embate externo, ameaçando retirar 5 mil soldados norte-americanos da Alemanha. O motivo foi um desentendimento com o chanceler alemão Friedrich Merz, que afirmou, na segunda-feira, que Washington não tem “nenhuma estratégia” no Irã e que a república islâmica está “humilhando” Washington na mesa de negociação.

Ontem, Merz minimizou o conflito. “Não vou deixar de trabalhar na relação transatlântica e não desistirei de trabalhar com Donald Trump”, disse à emissora pública ARD.

AFP



O brasileiro Thiago Ávila disse ter sofrido tortura em prisão israelense

## Detenções prorrogadas

A Justiça de Israel decidiu, ontem, prorrogar por dois dias a detenção do brasileiro Thiago Ávila e do espanhol-palestino Saif Abu Keshek, integrantes de uma flotilha que seguia para a Faixa de Gaza. Eles são acusados de terem vínculos com uma organização sancionada pelos Estados Unidos, informou a organização de defesa dos direitos humanos Adalah.

Composta por mais de 50 embarcações, a flotilha zarpu de França, Espanha e Itália com o objetivo de romper o bloqueio israelense em Gaza e levar suprimentos ao território palestino. As forças israelenses as interceptaram em águas internacionais, em frente à costa da Grécia, na quinta-feira.

Advogados da Adalah denunciaram um “sequestro ilegal” perante a Justiça israelense. Eles argumentaram que Ávila e Abu Keshek disseram ter sofrido “graves abusos físicos que equivalem à tortura, inclusive agressões”.